A PREGAÇÃO BÍBLICA E O REVESTIMENTO DE PODER: fidelidade textual, capacitação pneumatológica e responsabilidade na teologia pentecostal

BIBLICAL PREACHING AND ENDUEMENT WITH POWER: textual fidelity, pneumatological empowerment, and responsibility in Pentecostal theology

Rafael Assiz da Silva Alves[1]

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.23488268

RESUMO

O presente artigo analisa a teologia da pregação no âmbito do pentecostalismo clássico, investigando a integração entre a proclamação expositiva, a capacitação pneumatológica e a responsabilidade pastoral. O estudo examina a matriz soteriológica arminiana e a centralidade da graça preveniente, diferenciando a tarefa humana de proclamar da ação soberana do Espírito. Sob o prisma hermenêutico, prioriza a narrativa de Lucas-Atos, concebendo a glossolalia como revestimento de poder para o serviço missional. Em diálogo com a filosofia da religião e exegese bíblica, defende-se a submissão dos dons à ordem comunitária e à epistemologia afetiva pentecostal como resistência ao secularismo. Por fim, propõe-se o resgate do púlpito cristocêntrico, rejeitando o sensacionalismo e a mercantilização da fé.

Palavras-chave: Pregação Bíblica; Revestimento de Poder; Hermenêutica Lucana; Soteriologia Arminiana; Homilética Pentecostal.

ABSTRACT

This article analyzes the theology of preaching within classical Pentecostalism, investigating the integration between expository proclamation, pneumatological empowerment, and pastoral responsibility. The study examines the Arminian soteriological matrix and prevenient grace, distinguishing human proclamation from the sovereign work of the Spirit. From a hermeneutical perspective, it prioritizes the Luke-Acts narrative, conceiving glossolalia as an endowment of power for missional service. In dialogue with the philosophy of religion and biblical exegesis, it advocates for submitting spiritual gifts to community order and views Pentecostal affective epistemology as resistance against secularism. Finally, it proposes recovering a Christ-centered pulpit while rejecting sensationalism and the commercialization of faith.

Keywords: Biblical Preaching; Endowment of Power; Lukan Hermeneutics; Arminian Soteriology; Pentecostal Homiletics.

[1] Mestre em Ciências da Religião (UMESP), com pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica (FABAPAR), Estudos Bíblicos no Novo Testamento (UniCesumar) e Aconselhamento e Psicologia Pastoral (F.I.). Escritor e teólogo. Pastor da Assembleia de Deus, Ministério do Belém. E-mail: rafaelassiz@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A proclamação da Palavra de Deus ocupa o lugar central no ministério da igreja cristã, sendo o meio ordinário divinamente vocacionado para a comunicação da salvação em Jesus Cristo. Entretanto, a pregação enfrenta uma crise homilética, caracterizada pelo esvaziamento doutrinário, pela busca desenfreada por entretenimento e pela transformação do púlpito em balcão de negócios.

Ao analisar a descaracterização da pregação cristã atualmente, percebe-se o contraste entre o vigor da experiência bíblica original e a proliferação de espetáculos midiáticos desprovidos de autoridade espiritual: "O Pentecostes bíblico possui uma voz que ecoa, enquanto o de hoje faz apenas barulho. O Pentecostes contemporâneo é zuadento. Ninguém mais aguenta esses pregadores ‘pentecostais’ fazendo barulho para se manter no ar" (Gonçalves, 2012, p. 13-14).

Essa preocupação também aparece na reflexão atribuída ao teólogo John Stott, em 1982, sobre os riscos de a pregação, sob a influência da mídia eletrônica, assumir características de uma apresentação performática, na qual o pregador passa a ser visto como um artista, em vez de atuar como ministro da Palavra.

Corroborando essa denúncia, Assiz (2025, p. 213) adverte que a homilética moderna sofre com a diluição da mensagem bíblica quando a pregação se reduz ao entretenimento, incapaz de conduzir o ouvinte ao verdadeiro arrependimento. A profanação do espaço sagrado do púlpito, quando este é reduzido a palco de *stand-up comedy*, divã para desabafos e frustrações emocionais do ministro, canal de cobranças e fofocas veladas, palanque político-partidário ou veículo de coaching motivacional voltado ao sucesso financeiro imediato (Assiz, 2025, p. 40-41).

A crise homilética contemporânea decorre da substituição da teologia da cruz pela teologia da prosperidade e do espetáculo; a sociedade da informação transformou a visibilidade no bem mais cobiçado, levando indivíduos a desejarem ser famosos pelo simples fato de serem vistos e comentados (Gonçalves, 2012). Quando essa dinâmica secular adentra a igreja, a pregação deixa de ser uma exposição fiel do texto sagrado e converte-se em uma mercadoria de consumo imediato. O púlpito é esvaziado de seu poder transformador, porque a mensagem deixa de confrontar o pecado para satisfazer as preferências de uma plateia em busca de entretenimento e conforto psíquico.

Diante do esvaziamento doutrinário e da mercantilização da fé, o artigo propõe uma urgente purificação e restauração do púlpito eclesiástico. A liderança pastoral deve

compreender que a eficácia do ministério da pregação não se mede pela visibilidade na mídia, pela aclamação popular ou pela manipulação de emoções artificiais, mas pela fidelidade incondicional às Escrituras e pela manifestação autêntica do poder regenerador do Espírito Santo na vida da congregação.

A superação da frieza eclesiástica exige o retorno às fontes bíblicas, analogamente ao processo relatado em 2 Reis 22.8-13, quando o rei Josias promoveu uma profunda reforma religiosa em Israel ao reencontrar e aplicar o "livro da Lei que se tinha perdido" na casa do Senhor. Da mesma forma, Donald Dayton e Esequias Soares da Silva ressaltam que o avivamento pentecostal não nasceu do desprezo pelo intelecto, mas do estudo apaixonado das Escrituras por crentes que buscavam a restauração do Evangelho Pleno para a igreja dos últimos dias.

A teologia pentecostal não é reduzida a um emocionalismo desprovido de fundamentação racional ou exegética. O artigo evidencia que o pentecostalismo clássico possui uma arquitetura teológica consistente, na qual o fervor espiritual não se contrapõe ao rigor bíblico, mas depende dele. Reexaminar a pregação a partir da matriz assembleiana permite resgatar a identidade missional do movimento, oferecendo um antídoto tanto para a ortodoxia morta (desprovida do poder do Espírito) quanto para o fanatismo neopentecostal (desprovido do crivo da Palavra).

Propõe-se que as academias teológicas, seminários e convenções eclesiásticas utilizem este resgate conceitual para reestruturar a formação de seus pregadores. A igreja local necessita de ministros que manejem bem a Palavra da verdade, capacitados para expor o texto bíblico com profundidade exegética, clareza homilética e sensibilidade às necessidades reais da comunidade, promovendo uma maturidade espiritual sustentável.

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus confessa a autoridade da Bíblia Sagrada como "única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17);" (Silva, 2017, p. 21) e define o batismo no Espírito Santo como "um revestimento de poder do alto" destinado à capacitação para o serviço (Silva, 2017, p. 165).

A teologia pentecostal estabelece com clareza a fronteira operacional entre o pregador e o Espírito Santo na evangelização: ao cristão cabe a proclamação fiel do Evangelho, enquanto a regeneração da alma e o convencimento do pecado pertencem soberanamente à terceira Pessoa da Trindade (Assiz, 2025, p. 33; Silva, 2017, p. 21). Para resguardar a igreja de desvios, é indispensável unir a verdade da Bíblia ao poder do Espírito. Negligenciar as Escrituras gera misticismo; ignorar o Espírito produz uma fé sem vida.

TRÍADE DA PREGAÇÃO PENTECOSTAL

1. SOTERIOLOGIA ARMINIANA ⟶ GRAÇA PREVENIENTE E APELO UNIVERSAL

2. REVESTIMENTO DE PODER ⟶ CAPACITAÇÃO PNEUMATOLÓGICA MISSIONAL

3. RESPONSABILIDADE ÉTICA ⟶ FIDELIDADE EXPOSITIVA E VIDA ÍNTEGRA

1. Fundamento Soteriológico Arminiano: A convicção de que o Evangelho oferece salvação universal mediante a atuação da graça preveniente, que ilumina o pecador e liberta o seu livre-arbítrio para responder com fé ao apelo do Calvário sem anular a responsabilidade humana;

2. Capacitação Pneumatológica Missional: O entendimento do batismo no Espírito Santo e da glossolalia não como fins em si mesmos ou troféus de superioridade espiritual, mas como dotação sobrenatural e revestimento de poder, ordenado para o testemunho e o serviço no mundo;

3. Responsabilidade Ética e Pastoral: O compromisso homilético de ler, explicar e aplicar o texto bíblico com fidelidade expositiva e cristocêntrica, sustentado por um testemunho de vida íntegro no lar e na sociedade.

Os ministros devem sempre buscar ativamente a unção do Espírito Santo para a tarefa homilética, sem, contudo, abandonarem o estudo diligente, a oração e o cuidado com a conduta moral. O pregador que atua sob essa tríade é preservado da vaidade pessoal, sabendo que a eficácia de sua mensagem repousa no poder de Deus e que o seu testemunho pessoal é o fundamento de sua autoridade perante a igreja e a sociedade.

2. A FUNDAMENTAÇÃO SOTERIOLÓGICA DA PREGAÇÃO: MATRIZ ARMINIANA E GRAÇA PREVENIENTE

2. 1. Definição e fronteira da pregação bíblica

A proclamação das Escrituras Sagradas constitui o meio ordinário estabelecido por Deus para a salvação da humanidade. Na Declaração de Fé das Assembleias de Deus, a Bíblia Sagrada é confessada formalmente como a única regra infalível de fé e conduta. Definindo a essência da tarefa homilética: "A pregação bíblica é o ato de comunicar, com fidelidade e clareza, as verdades da Palavra de Deus. Ela não se fundamenta em experiências subjetivas, como sonhos, visões ou revelações particulares" (Assiz, 2025, p. 34). O verdadeiro sermão pentecostal não é sensacionalista; ele é centrado na Bíblia e movido pelo Espírito Santo. Essa concepção é reforçada pela citação de Martinho Lutero, segundo a qual o nosso trabalho é levar o Evangelho aos ouvidos, e Deus o levará dos ouvidos aos corações.

O pentecostalismo clássico estabelece uma demarcação entre a responsabilidade humana de anunciar a mensagem e a prerrogativa divina de regenerar a alma. A pregação não é entendida como uma técnica de persuasão psíquica, manipulação ou entretenimento, mas como a entrega fiel do texto sagrado. O pregador atua como um mensageiro vocacionado que confia na eficácia intrínseca da Palavra inspirada, sabendo que a iluminação da mente e o convencimento do pecado, da justiça e do juízo pertencem exclusivamente ao Espírito Santo.

Sob a perspectiva pastoral, é imperativo que os ministros e preleitores abandonem a pretensão de substituir a ação do Espírito Santo por artifícios emocionais, adivinhações ou narrativas de autoajuda no púlpito. A aplicação prática exige que o pregador se dedique ao estudo exegético diligente e à oração, apresentando a mensagem com clareza, sobriedade e reverência, mantendo a sua confiança na eficácia do Evangelho de Cristo.

2. 2. A soteriologia armínio-wesleyana e a graça preveniente

A matriz doutrinária da mensagem evangelística assembleiana é fundamentada na soteriologia arminiana. A Bíblia nos ensina que a salvação foi providenciada em Cristo para toda a humanidade: "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens". (Tito 2.11).

Analisando a mecânica da salvação:

> Conforme a teologia de Jacó Armínio, a graça é essencial para a salvação, mas não é irresistível. Deus não força ninguém a crer; Ele chama com amor, mas permite ser rejeitado. O ser humano pode, pela sua liberdade, resistir à graça e optar por permanecer em incredulidade. Esse é um dos fundamentos da doutrina da graça resistível, que ensina que a salvação é dom gratuito, mas requer resposta livre do indivíduo (Assiz, 2025, p. 246).

Em contraponto ao determinismo fatalista, o teólogo A. S. Copley argumenta:

> Se alguns foram escolhidos arbitrariamente para serem salvos e outros condenados a permanecer não salvos, como Deus poderia proclamar o Evangelho a todos os homens com justiça?... As Escrituras mandam-nos: '[...] Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura' (Mc 16.15). Por quê? Para quem quiser, creia no Evangelho e seja salvo" (Copley, s/d, p. 12)

A graça preveniente é a manifestação capacitadora de Deus que restaura a responsabilidade humana sem atribuir mérito próprio ao indivíduo. Sendo a humanidade afetada pela queda adâmica, o homem não possui capacidade autônoma para buscar a Deus por suas próprias forças. Contudo, a graça preveniente atua previamente na consciência por meio da proclamação do Evangelho, dissipando a cegueira espiritual e libertando a vontade para que a pessoa possa aceitar ou resistir à oferta do perdão divino.

Essa fundamentação soteriológica sustenta a legitimidade e a profunda coerência do apelo evangelístico no culto pentecostal. Pastoralmente, ensina-se que a salvação é oferecida gratuitamente a todos, exigindo, contudo, uma decisão consciente de fé e arrependimento. O pregador deve proclamar a expiação ilimitada de Cristo, sem atemorizar os ouvintes com decretos arbitrários de rejeição, encorajando cada pessoa a responder livremente à voz do Espírito Santo.

2. 3. A urgência evangelística e a responsabilidade do apelo

A convicção de que Deus ama a todos os seres humanos e deseja a sua redenção confere à pregação pentecostal seu tom de urgência e fervor missional: "Que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2.4). A missão da igreja é anunciar a Palavra de forma clara, mas adverte severamente que "motivar sem confrontar com a cruz é aliviar" temporariamente a consciência sem produzir regeneração espiritual e moral (Assiz, 2025, p. 213).

A urgência da pregação pentecostal deriva diretamente da compreensão de que o ser humano é moralmente responsável por sua escolha diante do Evangelho. Se a salvação estivesse predeterminada de forma incondicional, o apelo evangelístico perderia o seu sentido de convocação consciente à decisão. A fé compreende o apelo como o momento em que a graça preveniente e o convencimento do Espírito Santo confrontam o pecador com o amor de Deus e a gravidade do pecado, convidando-o a um posicionamento espiritual definitivo.

Os apelos evangelísticos nas igrejas sejam conduzidos com sobriedade, ordem e fundamentação bíblica, isentos de pressões psicológicas artificiais, promessas de prosperidade material ou táticas de constrangimento público. Pastores e evangelistas devem convocar os ouvintes ao arrependimento genuíno e à fé em Cristo crucificado, garantindo que a decisão de seguir a Jesus seja pautada pela compreensão clara das exigências e das bênçãos do discipulado cristão.

3. CAPACITAÇÃO PNEUMATOLÓGICA E HERMENÊUTICA LUCANA: O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO PARA A MISSÃO

3. 1. A natureza do batismo pentecostal: revestimento de poder e distinção da salvação

O batismo no Espírito Santo é compreendido como uma experiência espiritual distinta e subsequente à conversão e regeneração. Na Declaração de Fé das Assembleias de Deus, a igreja confessa: "CREMOS, professamos e ensinamos que o Batismo no Espírito Santo é um revestimento de poder do alto: ‘E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder’ (Lc 24.49)" (Silva, 2017, p. 165). Analisando a finalidade dessa bênção: "O Batismo no Espírito Santo é para todos os crentes em Jesus Cristo; o batismo é o empoderamento da igreja pela virtude do alto, é a infusão que nos tira da superficialidade cristã e nos capacita para a boa obra de Deus" (Assiz, 2022, p. 32).

Desde os primórdios do movimento, Charles Fox Parham já enfatizava que o batismo pentecostal "é dado principalmente como um poder de testemunhar, e não um influxo de sensualidade espiritual ou gozo lascivo de alguma suposta bênção espiritual" (Parham, 1911, p. 81). Corroborando essa visão, o líder escandinavo Lewi Pethrus afirmava que "quando fomos batizados com o Espírito Santo, ficamos revestidos do necessário para cumprirmos a nossa missão... O batismo com o Espírito Santo é um revestimento de poder para cumprir uma missão santa" (Pethrus, 1994, p. 36).

A pneumatologia pentecostal estabelece uma clara distinção entre a obra regeneradora do Espírito Santo (necessária para o novo nascimento e a salvação) e o batismo no Espírito Santo (concedido como revestimento de poder para a missão). Enquanto a habitação inicial do Espírito insere o crente no Corpo de Cristo, o batismo pentecostal dinamiza a vida do salvo,

outorgando-lhe dotação carismática e autoridade espiritual para o serviço público e a proclamação do Evangelho.

Pastoralmente, deve-se ensinar que o batismo no Espírito Santo não é um prêmio para crentes "superiores" nem um fim em si mesmo para mero desfrute emocional ou exibicionismo. Os ministros devem exortar a congregação a buscar essa promessa bíblica com o propósito de vencer a superficialidade espiritual, testemunhar de Cristo com coragem e servir ativamente à igreja local e à comunidade.

3. 2. O giro hermenêutico narrativo de Lucas-atos

A teologia pentecostal constrói o seu arcabouço doutrinário a partir de uma abordagem hermenêutica que valoriza os escritos narrativos do evangelista Lucas. O historiador Donald Dayton observa que o movimento pentecostal promoveu um giro paradigmático ao deslocar o centro de gravidade da teologia protestante, tradicionalmente focado nas epístolas paulinas, para o livro de Atos dos Apóstolos, compreendendo os relatos do derramamento do Espírito como modelos paradigmáticos para a igreja de todos os tempos (Dayton, 2018). Nesse mesmo sentido, James K. A. Smith destaca a centralidade da pneumatologia de Lucas-Atos para a construção da identidade e do raciocínio narrativo pentecostal (Smith, 2020). Os pioneiros de Azusa Street estudavam a Bíblia buscando restaurar o padrão de autoridade e dinamismo do cristianismo neotestamentário.

O diferencial da hermenêutica pentecostal reside na recusa em tratar as narrativas de Atos dos Apóstolos como meros registros históricos do passado (visão cessacionista). Para o leitor pentecostal, a narrativa lucana é prescritiva e pedagógica: o que Deus realizou no nascimento da igreja primitiva em Pentecostes constitui o padrão normativo para a igreja contemporânea. O raciocínio narrativo e o "saber afetivo" articulam a fé a partir do testemunho das obras de Deus na história, tornando a Bíblia um texto vivo e aplicável à experiência diária.

O ensino nas igrejas e seminários valorize a coerência da hermenêutica lucana sem desprezar a sistemática paulina. O pregador deve apresentar os relatos do livro de Atos como um convite constante à renovação espiritual, estimulando a igreja a vivenciar os dons, a comunhão e a ousadia missionária dos primeiros discípulos.

3. 3. A glossolalia e a finalidade missional: a evidência inicial como sinal propulsor

A marca do pentecostalismo clássico é a doutrina da evidência inicial; o batismo no Espírito Santo é acompanhado pela evidência física inicial do falar em outras línguas (Silva, 2017). Historicamente, William J. Seymour pregava em Los Angeles, com base em Atos 2.4, que o falar em línguas era o sinal bíblico da recepção da promessa pentecostal. Na gênese da Assembleia de Deus no Brasil, Gunnar Vingren e Daniel Berg mantiveram a convicção de que os crentes necessitavam de uma manifestação visível e audível que atestasse o batismo espiritual, promovendo o impulso missional em Belém do Pará (Gonsalves, 2020, p. 52). O propósito do dom de línguas e do batismo pentecostal é capacitar o crente para ultrapassar barreiras sociais e culturais, servindo de testemunho para a evangelização transcultural (Assiz, 2022).

A glossolalia no pentecostalismo clássico cumpre uma dupla função: no plano individual, serve de sinal atestador da recepção do revestimento de poder e meio de edificação pessoal (1Cor 14.4); no plano comunitário e missional, funciona como um catalisador que impulsiona o crente para fora das quatro paredes do templo. As línguas não foram dadas como um símbolo de estagnação espiritual, mas como um lembrete audível de que a igreja recebeu autoridade do alto para proclamar as virtudes de Deus a todas as nações e línguas. Essa compreensão da glossolalia evita que o falar em línguas seja instrumentalizado como métrica de vaidade ou divisão comunitária. A experiência glossolálica deve ser canalizada para a oração fervorosa, a santificação da conduta diária e o engajamento prático na obra missionária e evangelística da igreja.

3. 4. A dimensão do êxtase e o impacto da presença espiritual

O fenômeno do batismo pentecostal à luz da filosofia de Paul Tillich, conceituando a experiência como o impacto da Presença Espiritual sobre a finitude humana. Tillich define o conceito: "O termo 'êxtase' ('estar fora de si mesmo') aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma... transcende a condição básica da racionalidade finita" (Tillich, 2005, p. 124). Analisando o relato de Atos 2, Tillich afirma que o derramamento do Espírito criou a Comunidade Espiritual, caracterizada pela certeza da fé, pela unidade fraterna, pela abertura universal e pelo amor que se doa no serviço: "À luz do serviço criado pelo amor no relato de Pentecostes, devemos dizer que não existe Comunidade Espiritual sem o amor que se doa" (Tillich, 2005, p. 109).

A leitura de Tillich do evento de Pentecostes oferece uma ponte conceitual rigorosa para a teologia pentecostal. A experiência do batismo no Espírito Santo é um momento extático em que a Presença Espiritual de Deus irrompe no espírito humano sem destruir a sua estrutura racional ou personalidade. Esse impacto supera o desespero e a dúvida, gerando a certeza da fé e a disposição moral para o exercício do amor sacrificial e a edificação da comunidade cristã.

Essa perspectiva protege a igreja contra dois riscos contemporâneos: a redução do culto a uma liturgia gélida e cerebral (que anula o impacto da Presença Espiritual) e a queda na histeria irracional desprovida de fruto ético (que deforma a razão extática). O culto pentecostal autêntico deve abrir espaço para a manifestação viva e extática do Espírito Santo, garantindo que o seu resultado final seja a transformação moral do crente, a unidade do Corpo e o amor prático ao próximo.

4. HOMILÉTICA EXPOSITIVA E O EQUILÍBRIO ENTRE A PALAVRA E O ESPÍRITO

4. 1. O método homilético e a fidelidade textual

A homilética no pentecostalismo clássico é definida como a disciplina teológica prática que estuda a preparação e a comunicação clara do sermão bíblico aos ouvintes. Na conceituação: "Homilética é a ciência que estuda a arte de ensinar, preparar e apresentar sermões ou pregações. Trata-se da disciplina que orienta a comunicação clara, relevante e impactante da mensagem bíblica aos ouvintes" (Assiz, 2025, p. 105). Advertência contra as distorções no púlpito e alerta sobre o "falso expositivo": uma falsa exposição que aparenta ser um sermão expositivo, mas não trata do tema principal do texto. Embora utilize palavras presentes no texto, gira em torno de uma mensagem secundária ou terciária que não corresponde à intenção do autor divino, podendo omitir pontos importantes. Além disso, estabelece que a aplicação pastoral deve nascer do quebrantamento pessoal: "Antes de aplicar a mensagem à igreja, permita que ela fale primeiro ao seu coração..." (Assiz, 2025, p. 129).

A exposição bíblica pentecostal não se satisfaz com o mero uso do texto como "pretexto" ou ponto de partida ornamental para divagações do pregador. A exegese e a homilética sérias exigem que o sermão extraia do texto o seu sentido original (intenção do autor divino), expondo a verdade bíblica com clareza antes de extrair aplicações práticas para a vida

da igreja. O rigor do estudo textual previne o perigo do "falso expositivo", garantindo que a autoridade do sermão resida na própria Escritura e não nas ideias particulares do ministro.

Os pregadores e líderes têm o compromisso diário com a leitura, a exegese e a reflexão orante da Bíblia Sagrada. O ministro deve permitir que a mensagem transforme primeiramente o seu próprio coração antes de apresentá-la ao rebanho. Rejeita-se a preguiça homilética e o uso de sermões alegóricos e fantasiosos, incentivando uma pregação expositiva simples, profunda e aplicável aos desafios reais da vida cristã.

4. 2. A centralidade cristocêntrica da mensagem

A teologia pentecostal estabelece que toda pregação fiel deve ter como centro a Pessoa e a Obra consumada de Jesus Cristo na cruz e na ressurreição. Histórica e teologicamente, o líder escandinavo Lewi Pethrus reitera em 1968 que o verdadeiro avivamento não se define por manifestações isoladas ou fórmulas denominacionais, mas pela exaltação de Cristo. Cristo é o centro. Ele que morreu na cruz, ressuscitou ao terceiro dia e ascendeu aos céus e, no dia de Pentecostes, derramou o Espírito Santo. Ele, Cristo, o Cristo vivo, é o centro do Avivamento Pentecostal (Pethrus, 1968). Na mesma linha, o sermão bíblico precisa ser essencialmente cristocêntrico, declarando que pregar o Evangelho é anunciar o poder de Deus em ação para salvar todo aquele que crê (Assiz, 2025, p. 15, 125-127).

A centralidade cristocêntrica é o critério validador de qualquer sermão que se pretenda pentecostal. Tanto a narrativa lucana de Atos quanto a tradição confessional das Assembleias de Deus ensinam que o Espírito Santo foi derramado não para glorificar a si mesmo ou exaltar a figura do pregador, mas para testemunhar de Jesus Cristo (cf. Jo 15.26). Um sermão que se limita a lições de moralismo, teorias da prosperidade material ou curiosidades acadêmicas, sem apontar para a cruz e a ressurreição de Cristo, esvazia a pregação de sua eficácia redentora e salvífica.

A mensagem da cruz de Cristo como a pedra angular de suas celebrações e do ensino homilético. Os pregadores devem examinar continuamente o conteúdo de suas mensagens, garantindo que, em cada exposição, o pecador seja confrontado com a necessidade de arrependimento e fé no Redentor, e que o crente seja fortalecido na esperança de Sua gloriosa vinda.

4. 3. O princípio do equilíbrio entre a Palavra e o Espírito

A preservação da saúde doutrinária e espiritual da igreja exige o perfeito equilíbrio entre a autoridade das Escrituras Sagradas e a atuação do Espírito Santo. A homilética e a eclesiologia pentecostal: "Somente o Espírito sem a Palavra de Deus incorre-se em fanatismo. Entretanto, a Palavra sem o Espírito não passa de ortodoxia morta. O correto é termos o equilíbrio entre a Palavra e o Espírito" (Gonçalves, 2012, p. 104). Alertas análogos foram registrados desde o avivamento da Rua Azusa. Em 1915, William J. Seymour já advertia contra o abandono do texto bíblico em busca de revelações extracanônicas: "Quando deixarmos a Palavra de Deus e passarmos a seguir sinais e vozes, acabaremos no espiritismo. "A Palavra de Deus é a Lei de Deus" (Seymour, 1915, p. 52). Complementarmente, D. A. Carson, ao analisar 1 Coríntios 12–14, enfatiza que "o livre poder do Espírito Santo, característico dessa nova era, deve ser exercido em um ambiente de ordem, inteligibilidade, pertinência, decência, dignidade e paz" (Carson, 2013, p. 139).

O verdadeiro pentecostalismo recusa terminantemente a falsa dicotomia entre a Bíblia e o Espírito Santo. A Palavra de Deus é o crivo inerrante pelo qual toda experiência, profecia, visão ou manifestação deve ser julgada; o Espírito Santo, por sua vez, é o agente divino que ilumina a mente para compreender o texto e concede unção e autoridade para proclamá-lo. A quebra desse equilíbrio produz estragos graves na comunidade: a prevalência da Palavra sem o Espírito gera um intelectualismo frio e sem vida transformadora; a busca pelo Espírito sem a fundamentação na Palavra conduz ao fanatismo, à desordem e ao misticismo herético.

O princípio do equilíbrio deve governar a liturgia, a escola dominical e o ministério do púlpito na igreja local. Pastores e líderes devem cultivar um ambiente eclesial no qual o estudo diligente das Escrituras e a busca fervorosa pelo batismo no Espírito Santo e pelos dons espirituais caminhem juntos, garantindo que o culto seja um espaço de adoração reverente, edificação mútua e genuína presença de Deus.

5. DIÁLOGO CRÍTICO, EPISTEMOLOGIA AFETIVA E RESPONSABILIDADE PASTORAL

5. 1. O contraponto exegético de 1 Coríntios 12–14: ordem, inteligibilidade e restauração moral

A exegese bíblica de D. A. Carson, sobre 1 Coríntios 12–14, introduz balizas indispensáveis para a avaliação das manifestações espirituais no culto público. Carson observa

que a experiência religiosa no ambiente eclesial não pode prescindir do entendimento e da clareza:

> Seja qual for o lugar da profunda experiência pessoal e da emotiva experiência corporativa, a igreja reunida é um lugar de inteligibilidade. Nosso Deus é um Deus que fala e pensa; e, se quisermos conhecê-lo, devemos aprender a pensar como ele. Não estou invalidando de forma sorrateira o que Paulo se recusou a invalidar. Estou somente tentando refletir sua convicção de que a edificação na igreja depende supremamente de inteligibilidade, entendimento, coerência" (Carson, 2013, p. 131).

Carson assinala que a veracidade do agir do Espírito Santo se atesta fundamentalmente pela transformação ética do crente, afirmando que "Restauração moral, como o amor, é um dos fatores essenciais que distingue o cristianismo genuíno de todos os seus rivais" (Carson, 2013, p. 116). Em sua síntese exegética das orientações paulinas para o culto congregacional, Carson conclui que "...o livre poder do Espírito Santo, característico dessa nova era, deve ser exercido em um ambiente de ordem, inteligibilidade, pertinência, decência, dignidade e paz" (Carson, 2013, p. 139).

O diálogo com a exegese de D. A. Carson não visa neutralizar o fervor da experiência pentecostal, mas oferecer-lhe uma salvaguarda bíblica contra a desordem e o triunfalismo irresponsável. O apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 14, estabelece que os *charismas* devem ser exercidos com o propósito supremo de edificar a comunidade eclesial. Quando a busca por manifestações espirituais se desvincula da inteligibilidade, da ordem no culto e da restauração moral do indivíduo, corre-se o risco de reduzir a espiritualidade a um espetáculo individualista que afasta os não crentes e causa divisões no Corpo de Cristo.

Pastoralmente, o exercício dos dons espirituais e a condução do culto devem ser alinhados aos princípios bíblicos de decência e ordem. A liderança da igreja deve ensinar à congregação que a maior evidência da plenitude do Espírito Santo em um crente não é o êxtase ruidoso ou a busca por notoriedade, mas a produção do fruto do Espírito (cf. Gl 5.22-23), o amor sacrificial e uma conduta moral irrepreensível na família e na sociedade.

5. 2. A espiritualidade pentecostal como contra a modernidade: epistemologia afetiva e linguagem de resistência

No campo da filosofia da religião, James K. A. Smith demonstra que a espiritualidade e a cosmovisão pentecostal constituem um "imaginário social" e um paradigma epistemológico

distinto do racionalismo cartesiano moderno. Smith argumenta que a tradição pentecostal opera mediante um "saber afetivo" e uma "causalidade narrativa", nos quais a interpretação da realidade e o encontro com Deus ocorrem por meio do testemunho, da experiência comunitária e do envolvimento emocional do crente (Smith, 2020). Nesse contexto, a prática da glossolalia e da oração fervorosa é compreendida não como ruído irracional, mas como uma "linguagem de resistência" e de contra a modernidade que questiona o naturalismo secular, valoriza a corporalidade e dá voz às comunidades marginalizadas (Smith, 2020).

A contribuição de Smith permite enxergar a teologia pentecostal não como uma expressão simplória ou ingênua, mas como uma resposta viva às limitações da modernidade secularizada. Ao propor um "naturalismo encantado", a fé pentecostal recusa o modelo cartesiano que reduz o ser humano a um mero recipiente de proposições intelectuais desprovido de afeto e corpo. A pregação pentecostal se mostra eficaz precisamente porque atinge o indivíduo em sua totalidade: afeto, razão, corpo e espírito, comunicando a verdade de Deus em uma linguagem narrativa que transforma a experiência do ouvinte.

A igreja deve preservar a sua identidade litúrgica e a sua autenticidade existencial, sem tentar se conformar aos padrões do intelectualismo frio ou do secularismo. O pregador deve comunicar a mensagem do Evangelho, reconhecendo o valor das narrativas de testemunho e da dimensão afetiva da fé, garantindo, contudo, que esse "saber afetivo" permaneça ancorado na verdade objetiva da Palavra de Deus.

5. 3. A purificação ética do púlpito e a rejeição dos abusos homiléticos contemporâneos

Existem abusos e desvios que profanam o ministério da pregação na atualidade. A distinção entre o testemunho profético e a busca por visibilidade mediática destaca que o cristianismo profético não faz propaganda, mas é visto!

Gonçalves recorre à denúncia do teólogo Francis Schaeffer sobre a cooptação de métodos mundanos na obra de Deus:

> Não é impressionante que, embora saibamos que o poder do Espírito Santo pode ser nosso, ainda ‘imitemos’ a sabedoria do mundo, confiemos em suas formas de publicidade, seu barulho, copiemos a sua forma de manipular as pessoas? Se tentarmos influenciar o mundo por meio dos seus próprios métodos, estaremos fazendo a obra do Senhor simplesmente na carne (Gonçalves, 2012, p. 127).

A degradação da pregação contemporânea resulta da mercantilização da fé e da substituição do poder do Espírito Santo por táticas seculares de manipulação e entretenimento. Quando o pregador troca a exposição exegética da Bíblia pelo sensacionalismo ou pela busca por popularidade digital, o púlpito perde a sua autoridade profética. A igreja deixa de ser um agente de transformação moral na sociedade e passa a funcionar como uma empresa que comercializa confortos psicológicos e promessas de prosperidade material.

Propõe-se uma urgente e irrenunciável purificação ética e homilética do púlpito eclesiástico. Os conselhos pastorais e comissões de ética das convenções devem zelar pela conduta e pelo conteúdo proclamado pelos ministros. O pregador pentecostal é exortado a buscar a aprovação de Deus mediante uma vida de santidade no lar e na sociedade, rejeitando o sensacionalismo e dedicando-se à pregação fiel de Cristo crucificado e ressurreto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sistemática empreendida a partir da literatura confessional, historiográfica, bíblica e filosófica permite consolidar a arquitetura teológica da pregação e do revestimento de poder no pentecostalismo clássico, oferecendo uma resposta precisa e fundamentada às distorções da homilética contemporânea.

Em primeiro lugar, a pregação bíblica revela-se estritamente ancorada na matriz soteriológica arminiana, na qual a salvação é concebida como provisão ilimitada da graça divinamente oferecida a todas as pessoas em Cristo Jesus. A ação da graça preveniente restaura a capacidade do livre-arbítrio humano para responder ao apelo do Evangelho, estabelecendo uma clara demarcação funcional e ministerial: ao pregador incumbe a responsabilidade ética e homilética de expor o texto sagrado com rigor e clareza, enquanto a regeneração da alma, o convencimento do pecado e a aplicação da salvação pertencem soberanamente ao Espírito Santo.

Paralelamente, o batismo no Espírito Santo, compreendido confessionalmente como revestimento de poder (*dynamis*), afirma-se como uma experiência suplementar e distintiva do ato da conversão, cuja finalidade primórdia é a capacitação para o testemunho missional e o serviço eclesial. Amparado pela hermenêutica narrativa de Lucas-Atos, o pentecostalismo reafirma o falar em outras línguas (*glossolalia*/*xenoglossia*) como a evidência física inicial desse batismo, sem, contudo, isolar esse sinal externo do desenvolvimento contínuo do fruto do Espírito, da restauração moral e da vivência do amor fraterno.

Por fim, a autoridade da pregação pentecostal decorre da união inegociável entre a fidelidade exegética ao texto escrito e a dependência da unção pneumática. Em diálogo com a exegese paulina de 1 Coríntios 12–14, a epistemologia afetiva e a razão extática, demonstra-se que a atuação genuína do Espírito exige ordem, inteligibilidade e edificação moral. O resgate do púlpito pentecostal passa, portanto, pela recusa veemente do sensacionalismo, da mercantilização da fé e da espetacularização do culto. Somente mediante a recuperação da centralidade da Palavra de Deus, proclamada sob a unção capacitadora do Espírito Santo por ministros vocacionados e de vida íntegra, a Igreja cumprirá com fidelidade a sua missão de anunciar a salvação a todas as criaturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIZ, Rafael. **O Batismo no Espírito Santo**: introdução, teologia e prática pentecostal. 2. ed. Joinville: Editora Santorini, 2022.

ASSIZ, Rafael. **Pregação & Salvação**: aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. 1. ed. Adamantina: Edição do Autor, 2025.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CARSON, Donald A. **A Manifestação do Espírito**: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12—14. Tradução de Caio Peres. São Paulo: Edições Vida Nova, 2013.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasi**l. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

COPLEY, Albert Sydney. **Predestination, Election, and Foreknowledge**. Mountain Grove, Missouri: Grace & Glory, s/d.

DAYTON, Donald W. **Raízes Teológicas do Pentecostalismo**. Tradução de Marcelo Smargiasse. Natal: Carisma, 2018.

GONÇALVES, José. **A Glossolalia e a Formação das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021

GONÇALVES, José. **Rastros de Fogo**: a importância do pentecostalismo clássico e suas heranças para a igreja do século XXI. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

PARHAM, Charles Fox. **The Everlasting Gospel**. Baxter Springs, Kansas: Apostolic Faith Bible College, 1911.

PETHRUS, Lewi. **O Vento Sopra Onde Quer**. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

SEYMOUR, William Joseph. **The Doctrines and Discipline of the Azusa Street Apostolic Faith Mission of Los Angeles**, Cal. Los Angeles: W. J. Seymour, 1915.

SILVA, Esequias Soares da (org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SMITH, James K. A. **Pensando em Línguas**: teologia pentecostal para um mundo pós-moderno. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2005.